
**A RECEPÇÃO DIACRÔNICA NUMA RELAÇÃO SINCRÔNICA EM MACHADO
DE ASSIS**

Marli Lobo Silva¹

A INOVAÇÃO ESTÉTICA MACHADIANA

A variadíssima fortuna crítica de Machado de Assis exercida de 1858 a 1906 marca a projeção de um escritor plural, ícone absoluto, senhor de uma escrita marcada, sobretudo pela universalidade de seus temas aludidos entre os campos históricos e estéticos, fazendo destes um profícuo campo de possibilidades. Trilhou por diversos gêneros, colaborou em diversos jornais e semanários do país e com seu olhar atento testemunharia os acontecimentos mais importantes da história do país.

O desenvolvimento da escrita machadiana consolida uma evolução estética capaz de apreender os acontecimentos comuns e vertê-los ao processo da ficcionalidade, rompendo assim como uma crítica² até então munida por ideias e ideologias estrangeiras que buscava na luta pela identidade literária um escritor que representasse um ideal de nação.

Viver num país cujo sistema era a monocultura e a escravidão não fez de Machado de Assis um mero expectador de seu tempo; divisor de águas da literatura brasileira captou todos os ângulos transmutando-os para suas obras as contradições de sua época. Ser o expectador de um tempo é antes de tudo expectar esse tempo diluindo-o em categorias estanques onde o bem e o mal trilham caminhos subservientes.

Desta maneira, “tombar o véu” foi o caminho encontrado por Machado para desnudar uma sociedade cujos desajustes eram atrozes, transfigurá-los ao seu olhar telescópico foi certamente um deleite, não supremo, pois o mesmo era o protótipo desse espetáculo cujas cenas foram acentuadas por diferenças de ordem étnica, cujo meio sobreponha fator

¹Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-GO. A Recepção diacrônica numa relação sincrônica em Machado de Assis. marlilobo21@hotmail.com

²A Crítica de 1870, onde figurava nomes como Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo foi responsável pela ampliação da crítica machadiana e os que responderam à obra do escritor da maneira mais variada e sistemática e a cujas Machado direta ou indiretamente reagiu, pondo em prática o eterno jogo dialético entre produção literária e atividade crítica.

dissonante daquela sociedade. Superar tais condições foi o caminho para aniquilar estereótipos constituídos por práticas balizadas por tais diferenças.

A obra machadiana se traduz pela eterna peleja dialética captada pelos aspectos diacrônico e sincrônico. Onde o primeiro far-se-á mediante a recepção da obra em seu percurso evolutivo e histórico; o segundo visa rastrear o ponto de articulação comum com obras produzidas e veiculadas na mesma época.

Partindo do princípio de que o estudo diacrônico é correlato da História e o sincrônico da historiografia literária, em que momento a História e a Literatura se encontram? Haverá correlação entre categorias tão distintas? Nessa percepção a análise da obra não se atém somente ao dado momento, mas se desenvolve em consonância com outras leituras subsequentes e contínuas. Seu valor transcende sua temporalidade e mesmo em face de dissonâncias variadas se mostra viva aos diferentes olhares, sob as mais diferentes formas e momentos.

Como se pode ver, nem sempre há uma correspondência entre obra e público; às vezes o grau de complexidade, o valor estético de uma obra se constitui num parâmetro de difícil correlação entre ambos, e nesse distanciamento a obra pode tornar-se irrelevante ou até mesmo esquecida, não por representar tais significações, mas porque não conseguiu atingir uma verticalização naquilo que se propunha que era o horizonte de expectativas de seu primeiro público.

A distância entre a expectativa desse público e sua realização decorre de um processo de compreensão ou não da obra. Nesse sentido, a recepção e assimilação de uma obra é um processo constitutivo de tomada de posições, reavaliações e reagrupamento de ideias; onde o histórico e o estético mantêm-se como forças conjuntas dos fatos artísticos.

Os valores culturais e estilo de pensar machadiano são importantes por permitir que se busquem as características específicas de sua obra em relação às demais, uma vez que sua inovação e transgressão rompe com as normas balizares, de forma a propor novos caminhos à literatura.

Assim, evidenciar o valor historiográfico da obra machadiana perante a “evolução literária”. A partir dos aspectos sincrônico e diacrônico permite especificar a recepção de seu texto em diferentes momentos, possibilitando a compreensão dessa obra e como a mesma transformou a literatura do ponto de vista crítico sociológico.

Assim, essa evolução parte principalmente da ruptura feita pelo escritor a partir de um olhar incisivo ao comportamento humano, o que certamente contribuiu para uma nova forma de pensamento. A respeito da historiografia literária, afirma Jauss:

Em princípio, poder-se-ia representar uma literatura [...] como a sucessão de sistemas na história, estudando determinados pontos de intersecção entre a sincronia e a diacronia. Mas a dimensão histórica da literatura, a sua continuidade factual [...] só podem ser recuperadas se o historiador da literatura souber encontrar os pontos de intersecção e puser em relevo as obras que permitem articular, de um modo pertinente, o curso da “evolução literária”, através dos seus momentos fortes e das suas cesuras epocais. Decisivo para esta articulação histórica é não a estatística nem a arbitrariedade subjectiva do historiador, mas sim a história dos efeitos: “Aquilo que resultou do acontecimento” e que, a partir do ponto de vista do presente, constitui a continuidade da literatura como antecedente histórico da sua manifestação presente. (JAUSS, 2003:103).

No exposto, Jauss chama atenção para o fato de *apriori* haver uma correlação entre os aspectos diacrônico e sincrônico; entretanto adverte que tal correlação somente se concretiza havendo uma retomada desses pontos de intersecção, de maneira que os mesmos devam estar devidamente articulados e postos em relevo para que as obras possam ser recebidas e articuladas através de diferentes momentos, independente da recepção que irá se sobrepor.

Contudo, a obra machadiana independente das “cesuras epocais” se apresenta como importante elo dessa fusão haja vista entre ficção e realidade não corresponder ao mesmo viés de compreensão. Entretanto faz-se necessário pontuarmos que a obra ficcional de Machado de Assis estabelece certas relações entre ficção e realidade, pois embora essa escrita não deva ser vista como reflexo da realidade, ela se apresenta como construção de realidades ficcionais.

Sobre sua perspicácia e trato com a linguagem, esta de caráter arbitrário e descontínua, quebrada ou sinuosa é que caracteriza a movimentação dialética nata e tão particular ao escritor.

Em tese, vale dizer, que o escritor, sempre tão reticente recusa todo e qualquer ato de compleição que possa pôr em dúvida a fidelidade de sua obra.

Em *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos* (1959), Astrojildo Pereira refuta a ideia de alheamento por parte de Machado de Assis aos fatores políticos e sociais do país; sua adesão e compromisso aos acontecimentos nacionais abre caminho às abordagens de caráter sociológico, político e ideológico. Seu estudo parte de quatro ensaios dedicados ao escritor. O primeiro, *Romancista do Segundo Reinado*,³ principia com o posicionamento do

³O segundo ensaio *Instinto e consciência de nacionalidade* (1873), o crítico observa a maturidade com que Machado de Assis reflete a literatura e seu posicionamento quanto ao caráter nacional que a mesma representa; ao situar o escritor como o grande nome da literatura brasileira, refere-se ainda ao período compreendido entre os anos de 70 e 80 como uma década de transição marcada pelo movimento de renovação cultural do país, em que os anseios levavam a uma consciência nacional assinalada principalmente pela transição dialética de sua fortuna crítica. No quarto ensaio, *Pensamento dialético e materialista*, o crítico estuda a obra machadiana na perspectiva do materialismo histórico, relacionando as metáforas, o estilo e a análise psicológica de Machado ao materialismo e à dialética da filosofia pré-socrática e também à própria natureza analítica do romancista. O fato é que a crítica de caráter impressionista ainda está muito presente. Embora Astrojildo num outro ângulo, acredita ser a descrição da sociedade parâmetro para se chegar à compreensão da obra.

crítico contra as concepções que davam a obra de Machado como alienada da realidade histórico-social.

Assim, partindo não do evento histórico em si, mas da obra do escritor, Astrojildo demonstra a relação existente entre a ficção de Machado de Assis e a história, notadamente a brasileira.

Seu estudo parte de três pontos fundamentais: o pensamento histórico, político e dialético do escritor que melhor representa a literatura brasileira, contrariando as afirmações de que Machado se absteve dos acontecimentos político-sociais do Brasil.

Para o ensaísta, Machado apresenta uma estreita relação entre seu fazer literário e os acontecimentos em evolução no país a partir da maneira como ele sintetiza o instinto de nacionalidade presente no ideário brasileiro:

A obra de Machado de Assis nada possui de panorâmico, de cílico, de épico. Não há nela nenhuma exterioridade de natureza documentária, nenhum sistema rapsódico ou folclórico, nenhum plano objetivo elaborado de antemão. Os seus contos e romances não abrigam heróis extraordinários, nem fixam ações grandiosas excepcionais. Eles são constituídos com o material humano mais comum e ordinário, com as miudezas e o terra a terra da vida vulgar de todos os dias (PEREIRA, 2008:29).

Partindo desse quadro vê-se que Machado de Assis não deixa dúvidas quanto a natureza de sua criação, seu engajamento e apreensão dos caracteres que dão sustentáculos a seu método de composição, mas para tal inferência faz-se necessário o olhar atento de outrem face às sutilezas com que o escritor se posiciona em relação aos questionamentos suscitados em sua obra, principalmente quando toma por modelo de sua produção elementos nada excepcionais.

A consonância dos contrastes se encadeia num misto de reações que tendem ao desenlace dos conflitos pormenorizados, seja pela sapiência, ou relação limítrofe do caráter humano e filosófico que representa a obra machadiana.

Assim, a forma concisa que Machado dá ao encadeamento de sua obra ganha forma a partir desse contingente ilimitado de caracteres composto por figuras periféricas palpáveis, cujas ações ganham força sim, à medida que a arte transfigura o real.

O crítico mostra que esse engajamento faz-se (in) diretamente por meio dos contos, romances e crônicas de Machado; ao sair em defesa do autor afirma que sua obra nada possui de "panorâmico, cílico, épico ou tampouco documentarista"; destaca o caráter comum de seus personagens, atribuindo à mesma um caráter periférico, o que explica sua constante atualidade.

Machado é visto por muitos como um escritor consciente de seu tempo, seja nas questões mais importantes por ele vivenciadas, seja em sua adesão aos fatores inerentes à sociedade; sua vasta produção basta para desmistificar os rumores desse absenteísmo em torno do escritor.

Vejamos:

[...] o escritor Machado de Assis, cuja obra exprime, a meu ver, melhor que outra qualquer em nossa história literária, a mais pura substância dessa consciência nacional. Nem há outra razão que nos explique a sua permanente atualidade, a sua crescente grandeza, a sua arte irresistível de comunicação com a massa cada vez mais ampla de leitores que ele vai conquistando incessantemente. (PEREIRA, 1982: 57-58).

Vale ressaltar dois pontos importantes nessas palavras: a permanente atualidade e a crescente grandeza da arte machadiana. Ao refletir sobre tais aspectos, Pereira o faz tomando por base a preocupação do escritor com os rumos da literatura, em um de seus primeiros trabalhos publicado, notadamente o artigo *O passado, o presente e o futuro da literatura*, de 1858, um sinal já manifesto dessa consciência.

No terceiro ensaio *Crítica e política social*, Astrojildo refuta a ideia de Machado de Assis como absenteísta. O crítico mostra um escritor engajado, atento às questões mais importantes vivenciadas no país; seja como atividades que desempenhou enquanto funcionário público seja como cronista ou romancista, verdade é que nada escaparia a sua “ pena da galhofa e a tinta da melancolia”.

A passagem de Machado de Assis pela literatura brasileira, bem como sua adesão aos fatos inerentes à sociedade da época, é um fato, e este como tal, pode ser comprovado a partir de uma leitura compenetrada de suas obras.

Machado de Assis “participou” efetivamente, e excelentemente, da vida política do país. Não esqueçamos tampouco que a crítica, qualquer que ela seja, possui sempre um caráter em todo contrário a qualquer espécie de “absenteísmo” ou “indiferença”. E quem não vê, nem percebe, nem sente, na obra machadiana, esta feição crítica, patente e constante em toda ela, não comprehende aquilo que me parece constituir uma de suas melhores características, aquilo que a vincula indissoluvelmente às coisas vividas e observadas em seu tempo. (PEREIRA, 2008:94).

Logo, dizer que o escritor seja um absenteísta é negar sua própria escrita e verdade ficcional, pois o ato persuasivo daquilo que se supõe como verdade tornar-se-á se repetido infinitas vezes, o que torna o ato rotineiro, comum aos olhos de todos.

Mas quem disse que o absenteísmo não é uma virtude do artista? Por muito tempo esse “suposto” alheamento de Machado dividiu opiniões, e até mesmo espaço com publicações pró e contra o escritor fluminense.

Pensar na escravidão como sustentáculo de um sistema e pensar neste com dependência desse escravismo constitui uma difícil por que não dizer impossível correlação na caracterização social da vida brasileira durante o Segundo Reinado.

Visto como elemento inferior fosse ele a locomotiva de um sistema em vias de extinção com o ideal libertário da abolição, foi a partir desta luta elencadas sob valores econômicos, políticos e sociais há muito exauridos que o ruir de um determinaria a extinção do outro.

Machado de Assis estava longe de panfletar qualquer ato que representasse a explicitação de ideias abolicionistas, embora fosse partidário do regime, mesmo não tendo retratado em suas obras glórias e feitos heroicos de negros, retratou-os de forma universalizada, pois de forma sutil Machado apresenta esses personagens como indivíduos complexos, dentro de um universo comum, a universalidade da natureza humana com seus desajustes oriundos ora da bondade ora da maldade.

Em *O Fictício e o imaginário* Iser, (1996: 67) diz que,

....a especificidade da literatura, o traço que a distingue como meio consiste no fato de que é produzida mediante uma fusão do fictício e do imaginário. Mas estes não são em si mesmos condições para a literatura. Se ela emerge da interação de ambos é também porque nenhum dos dois pode ser fundamento definitivamente esclarecido.

Machado de Assis trouxe para suas obras um panorama dos acontecimentos do país, da cidade, seus costumes e as relações entre seus personagens. E o imaginário de uma época é o meio pelo qual a literatura se utiliza para imergir essa captação que aparece nos trabalhos machadianos. Ainda de acordo com as palavras de Iser (1997: 75) “a ficcionalidade é um ato puramente consciente cuja intencionalidade é pontuada por indeterminações”.

No conto “O caso da vara⁴”, dos mais conhecidos de Machado de Assis um episódio nada sutil envolve Damião, um jovem seminarista, Sinhá Rita, uma viúva e a menina Lucrécia, sua escrava. O conto datado de “antes de 1850”, é enfatizado pelo próprio narrador já nas primeiras linhas (Cap. 2, p. 11).

Damião, protagonista da narrativa, seminarista contra a vontade, decide fugir do seminário, pede ajuda então ao padrinho, que sabendo não conseguir ajuda-lo recorre a Sinhá Rita, viúva, que aceita o encargo e acolhe o jovem em seu lar. Na espera, Damião fica a contar histórias e anedotas à Sinhá Rita e às suas “crias”, meninas negras que aprendiam com

⁴Publicado originalmente em 1891, em *A Gazeta de Notícias* e reunido, em 1899, às outras histórias de *Páginas recolhidas*.

ela arte do bilro. Lucrécia, uma das meninas, não consegue concluir o trabalho, pois está enferma. Sinhá Rita ameaça punir a infeliz.

A cena composta por forças motrizes distintas traz de um lado, a autoridade indiscutida de Sinhá Rita; a fragilidade de Lucrécia e do outro lado a passividade de Damião, marcada pela tomada de posição duvidosa diante da cena, revelando assim o caráter dúbio da natureza humana.

Vejamos:

“Era hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os: todas as meninas tinham concluído as tarefas. Só Lucrécia estava ainda á almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

-Ah! malandra!

-Nhanhã, nhanhã! Pelo amor de Deus! Por Nossa Senhora que está no céu.

-Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Lucrécia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

-Anda cá!

-Minha senhora, me perdoe! Tossia a negrinha.

-Não perdoo, não. Onde está vara?

E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar.

-Onde está a vara?

A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

- Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio...Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

-Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

-Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto

sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.” (cap. 2 p. 22-23).

Independente da temporalidade que por si só já justifica a ação, a universalidade das ações humanas é outra recorrência comum em se tratando da ficção machadiana; ao apresentar a segregação entre brancos e negros, o escritor vai além quando aponta as imbricações que distancia as relações entre a escravidão e a liberdade.

Pouco sutil esse conto mostra que as desigualdades sociais abrem um fosso imensurável cujo desnudamento social sem precedente atinge ambos os lados, acentuando o paralelismo exacerbado na obra do escritor.

Outro exemplo dessa ordem é encontrado no conto *Pai contra Mãe*⁵ que trata da história do casal Candinho e Clara, ambos brancos e pobres.

Arminda, outra personagem importante da história é uma escrava fugida, que está grávida e é capturada por Candinho e levada de volta ao seu proprietário.

Os personagens são apresentados em sentidos opostos e extremos de suas vidas tentam escapar de sua infeliz condição de pobreza. O casal Candinho e Clara sem condições de criar o filho veem-se obrigados a deixa-lo na roda dos enjeitados. Entretanto ao ver a possibilidade de trabalhar como capitão do mato resgatando escravos fugidos reveste a situação.

Ao capturar Arminda, esta é maltratada a ponto de abortar o filho que espera e Candinho, ao receber sua recompensa salva seu filho da triste sorte que estava por vir.

O recorte histórico encontra-se bem demarcado nesse conto, e não invalida os infortúnios a que a grande maioria da população estava submetida, que eram as agruras de uma estratificação social marcada principalmente pelos contrastes típicos do período histórico a qual a sociedade atravessava.

Assim, dizer que a obra machadiana não apresenta uma consonância com esse período, é negar aquilo que há entre o fazer literário do escritor e a evolução social do país. O contraste aponta para uma massa disforme tentando configurar uma pirâmide de difícil adequação refletida pela conjectura social do país.

A obra machadiana nesse interim se projeta desse contraste aportando para si a heterogeneidade comum mediada pelas camadas desiguais da tão fastigiosa “aristocracia rural”. Onde as hierarquias por si só já caracterizavam toda forma de predominância e inquirições.

⁵Publicado originalmente em 1906 em Relíquias da Casa Velha

Nos capítulos *O Menino é Pai do Homem* e *o Vergalho* situado no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), a relação de poder é marcante. Já no primeiro capítulo, Brás Cubas, em sua meninice, fazia de Prudêncio, um moleque escravo da casa, seu escravo, tratando-o como tal. Montava no moleque, colocava-lhe um freio na boca, este galopava acoitado por uma varinha.

Já no capítulo *o Vergalho*, a situação é vista sob outro ângulo. Pois ao caminhar pelo Valongo, importante mercado de escravos da época Brás Cubas se surpreende ao presenciar uma cena nada ortodoxa, onde Prudêncio já liberto castiga um escravo, este comprado pelo próprio ex-escravo. Imediatamente Brás Cubas em suas reminiscências reflete que Prudêncio assim castigava seu irmão de raça como uma forma de se desfazer dos castigos que sofrera na infância, alentando dessa forma a experiência de viver o lado de uma situação nunca vivenciada. Ou seja, ele enquanto escravo liberto escraviza outro escravo.

Diferentes momentos históricos estão representados na obra machadiana, oportunizando assim um recorte importante da história brasileira bem como um campo ilimitado de investigação ao historiador, permitindo com os elementos ali aludidos uma melhor compreensão do passado, do presente e do futuro da literatura.

Sua narrativa entrecruza-se, numa reminiscência que remete a encontros díspares, como personagens entre contos e romances, temas e até teorias, marca de sua evolução. Qualquer semelhança à teoria do Humanitismo presente na obra Quincas Borba não é mera coincidência, como também a recorrência de temas alusivos em contos como “*O caso da Vara*” e “*Pai contra mãe*” é, apenas um ponto de contato que remete a uma circularidade, aonde as consonâncias, os diálogos constantes, e complementaridades entre contos e romances machadianos representam um campo indivisível de possibilidades a serem desvendadas.

Em síntese vê-se que compreender a literatura é recuperá-la no tempo e no espaço, reconhecê-la é projetá-la levando em conta sua dimensão dialética e nesta, reside à literatura machadiana cuja importância maior consiste no fato da mesma tratar-se sobremaneira do homem em toda sua incompletude, por isso mesmo razão de sua permanência.

Contudo, aqui se abre espaço para dizer que o reconhecimento da arte machadiana enquanto *succès d'estime* glorifica-o, projeta sua escrita além-fronteiras, esta a despeito das convenções a que está submetida, liberta-se, ao mesmo tempo em que estreita campos estéticos, antes inconciliáveis.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **O caso da Vara.** Obras Completas. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1959. V.3
- _____ **Pai contra Mãe.** Obras completas. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1959. V. 3
- _____ **Memórias Póstumas de Brás Cubas.** Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1959. V.3
- CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. **Machado de Assis: Um escritor na capital dos trópicos.** Porto Alegre: Unisinos, 1998.
- DIXON, Paul. **Os contos de Machado de Assis: Mais do que sonha a Filosofia.** Porto Alegre: Movimento, 1992.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário.** São Paulo: Editora 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação a teoria literária.** São Paulo: Ática, 1994.
- _____. **A estética da recepção:** colocações gerais. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. 2^a e. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.
- PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis:** ensaios e apontamentos avulsos. Martins Cézar Feijó (Org.). Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 3^a ed. 2008.
- ZILBERMAM, Regina. Um caso para o leitor pensar. Revista de Letras. Vol.29. p.19-24, São Paulo: Ática, 1989.
- ARRUDA, Elza Aparecida. A escravidão e o vergalho. Revista Discutindo Literatura. Vol.01, Nº01, p.14, São Paulo 2008.